



Universidade de Brasília
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais- VIS

A marca do tempo nas ruínas da cidade

Amanda de Figueiredo Barbosa

Brasília-DF
2023

Amanda de Figueiredo Barbosa

A marca do tempo nas ruínas da cidade

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais, submetido ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, sob orientação da docente Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz Oliveira.

Brasília-DF
2023

A marca do tempo nas ruínas da cidade

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Artes Visuais da
Universidade de Brasília, como parte das
exigências para a obtenção do título de
licenciatura em Artes Visuais.

Brasília, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz Oliveira — UnB Orientadora

Prof^a. Dr^a. Andrea Campos de Sá — UnB Examinadora

Prof^a. Dr^a. Cinara Barbosa de Sousa — UnB Examinadora

FICHA CATALOGRÁFICA

B238a

Barbosa, Amanda de Figueiredo

A marca do tempo nas Ruínas da cidade/ Amanda de Figueiredo Barbosa. – Brasília, 2023.

XXX p. : il.

Orientadora: Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, Instituto de Artes, 2023.

1. Artes. 2. Ilustração. 3. Fotografia. I. Oliveira, Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz, orient. II. Título.

CDU: 741

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha mãe, que me mostrou a importância da educação. À minha irmã que nunca deixou eu desistir. À Helena Andrade por ter me dado todo o suporte para que esse TCC saísse. À Soraya Lacerda por sempre me ensinar algo novo e comprar minhas ideias tortas. E à Teresa Cristina que aceitou ser minha orientadora e sempre esteve aberta a me ajudar. Não foi uma jornada fácil, mas consegui realizá-la pelas incríveis pessoas que cruzaram o meu caminho. Todo carinho a elas.

Resumo

O trabalho a seguir retrata o processo artístico derivado de reflexões sobre meus registros fotográficos de vestígios do tempo em ruínas da cidade. Tais registros são frutos do meu percurso ao longo do curso de artes visuais, no qual desenvolvi um trabalho artístico sobre fotografia e desenho.

Palavras-chave: Ruínas, Tempo, Cidade, Brasília, Fotografia, Desenho

Abstract

The following work depicts the artistic process derived from reflections about my photographic records of traces of time on city's ruins. Such records are the results of my journey throughout the visual arts program, in which I developed an artwork on photography and drawing.

Keywords: Ruins, Time, City, Brasília, Photography, Drawings.

Sumário

1 Introdução.....	6
2 O rastro do tempo.....	8
3 Ruínas: Registro do tempo.....	10
4 Caminho Artístico.....	12
4.1 A mediação museal como percurso educacional.....	14
4.1.1 Roteiro de mediação.....	15
4.2 O ato de fotografar.....	16
4.3 O desenho contemporâneo.....	18
5 Trabalho Artístico - “Rastros do tempo”	23
5.1 Ferroviária Bernardo Sayão.....	26
5.2 Ruínas no ponto de ônibus do zoológico.....	27
5.3 Ginásio policial.....	29
5.4 Monumento de ferro.....	29
5.5 Parquinhos Abandonados.....	30
5.6 Exposição Sonhos e Ruínas.....	32
6 Conclusão.....	35
Referências.....	36

1 Introdução

Brasília é uma cidade monumental e planejada, conhecida pelas suas belas arquiteturas modernistas. Causando a vinda de pessoas de todo mundo interessadas em vê seus belos edifícios. O seguinte trabalho tem como foco mostrar minha prática artística que fala sobre a passagem do tempo pelas ruínas do Distrito Federal. Nele foi realizado um mapeamento de seis ruínas em volta de três cidades satélites em Brasília.

A pesquisa é dividida em quatro partes, com o intuito de traçar a trajetória percorrida na universidade como forma de autonarrativa educativa. O primeiro compilado é a concepção do conceito sobre o tempo e ruína baseando-se no pensamento de autores como Nelson Brissac Peixoto e Georg Simmel. O tempo é o alicerce do estudo, o fio condutor que interliga todo o processo artístico. Falar sobre deslocamento e ruína é citar o tempo indiretamente. A sua passagem mostra a fricção dos eventos sobre a matéria. É a partir dele que as ruínas surgem nos centros urbanos. Pelo desgaste das ações humanas e naturais sobre os edifícios. A ruína é aquele respiro dado sobre a correria das cidades. O ponto de conflito de duas reações opostas. É o entre, visto que ela não é uma construção e nem seu desaparecimento. Os diversos tempos coexistem nas ruínas em tensão e harmonia.

A segunda e a terceira parte são sobre artistas que influenciaram a criação desses trabalhos, seja pela forma de registro ou temática. E sobre as técnicas usadas para a criação artística. Nessa terceira parte, também descrevo as técnicas artísticas que usei no trabalho final. Nela trato um pouco o porque da escolha do desenho e da fotografia na minha trajetória na universidade. Descrevo artistas e movimentos que me inspiraram para a criação desse trabalho, como: o expressionismo, Viviane Maier e Ludwig Meidne.

A parte final fala sobre o trabalho artístico, sobre os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de artes visuais e minhas experiências vividas, nesses 5 anos. Esses caminhos trilhados ao longo da graduação em artes levaram a realização da exposição "Rastros do tempo" (2023), que engloba o trajeto pelos espaços em

ruínas descritos acima. Neste trabalho é usado como base de pesquisa Nelson Brissac, Georg Simmel, Revista online TRACEY e John Berger.

2 O rastro do tempo

O que é o tempo além da única certeza que temos? Ele é a certeza do fim, pelo olhar ocidentalizado e racional. Aqueles que vivem suficiente observam seu corpo se desgastando ao envelhecer. Cronos é a percepção do tempo que tudo devora, é o tempo cronológico para os gregos. O tempo inexpugnável, ao qual ninguém escapa e a nada se curva, é o final do caminho temido. A sua compreensão é assustadora, pois em seu domínio tudo se curva ao seu poder, desde galáxias a impérios. Nos obrigando a encarar de frente nossa finitude como um organismo existente no tempo. É o existir e o ruir do que conhecemos. E, nesse ruir, que surge a possibilidade de se reinventar o olhar, virando assim o deleite, o respiro na possibilidade que aparece ali.

No livro, “Alice no país das maravilhas” (1865) a protagonista esbarra com um coelho branco alarmado “Oh meu deus, oh meu deus, vou me atrasar!” (CARROLL, n.p, 1865). O dilema do coelho branco, se transposto para o mundo contemporâneo, não é mais o obstáculo da realidade física de se deslocar de um lugar ao outro, mas é um dilema mais amplo com o tempo cotidiano e seu caráter midiático. Em um mundo onde a informação dura segundos e o tempo é acelerado para caber nas novas demandas que a sociedade contemporânea impõe. O tempo e a rapidez viram sinônimos. Existe uma ânsia de registrar todos os momentos, pois o tempo parece escorrer em nossas mãos, em virtude do olhar contemporâneo não ter mais tempo. (BRISSAC, p.179 ,1996) Criando assim um paradoxo, visto que, a urgência do registro cria um esvaziamento por seus excessos.

Pensando nesse aspecto do tempo de Cronos, que tudo devora, nos deparamos com a ideia de ruínas, que é o atravessamento entre a força do tempo com o que era uma cidade, um edifício, algo que pairava sobre centros urbanos materialmente. Brissac traz em seu texto “Ruínas” (1996) a seguinte indagação: “Mas poderiam estes novos horizontes urbanos, com suas construções cotidianas e transitórias, adquirir consistência e a perenidade das grandes paisagens?” (BRISSAC, p.227 1996). A possibilidade que é dada ao se presenciar uma ruína é a de um deslocamento da realidade. Ela permite o acesso ao nosso inconsciente. Olhar para uma ruína é olhar para um momento congelado do tempo, onde se encontra o

passado e o presente. Há a observação dessa passagem do tempo sobre o edifício, enquanto ele permite perguntas: O que era? O que o levou a ser abandonado? Será revitalizado? Ou destruído de vez? Ou apenas deixado para sua destruição total? E o que ela simboliza nesse momento para o espaço que se entrega? As ruínas na cidade são a marca da passagem do tempo sobre elas. Não apenas como registros arqueológicos.

3 Ruínas: Registro do tempo

A percepção poética do Georg Simmel (1858-1918), em seu texto “Ruínas” (in SOUZA; ÖELZ, 1998), caracteriza as ruínas como um ser a parte da percepção artística visual e arquitetônica. O texto “Ruínas” de Georg Simmel de fato tem uma grande carga simbólica em suas referências. Fazendo com que eu parta muitas vezes de uma interpretação subjetiva ao dialogar com ele nesse trabalho. Por ter essa carga poética, o que interpreto agora pode vir a mudar futuramente. Simmel, refere-se ao momento entre a criação humana e a tomada da natureza sobre ela ao falar sobre ruínas. Não partindo de uma visão apocalíptica, da fúria da natureza exigindo seu território sobre as criações humanas. E sim, partindo da volta da matéria ao seu estado original.

Essa volta é, para o autor, uma ruptura do domínio do espírito sobre a natureza, onde a matéria e o espírito encontram seu ponto de equilíbrio. Simmel, entende que o artista visual apossa-se da matéria a moldando ao seu intuito final. Apossando-se do material como um meio de realização dos seus caprichos. Diferentemente da arquitetura, como afirma o autor:

Tendo ele, nas outras artes, curvado as formas e acontecimentos desta natureza a seus mandamentos, diversamente, a arquitetura forma suas massas e forças próprias imediatas, até que elas dêem, como que de si, a visibilidade da idéia. (in SOUZA; ÖELZ, p.1-2, 1998)

Seu pensamento parte da ideia que apenas na arquitetura teremos a equação exata entre a vontade do espírito e a necessidade da natureza (in SOUZA; ÖELZ, p.1, 1998), já que a própria utiliza-se da matéria na sua função inicial para a realização arquitetônica. A destruição de um espaço arquitetônico provoca uma reavaliação desse espaço que agora rui, o espírito não é mais afugentado pela forma a si imposta.

Ela, a ruína, coloca o humano em posição passiva, ela não serve mais a sua finalidade. Diferentemente do processo de destruição de uma obra de arte, ela não modifica o olhar para a escultura que perde uma parte de si no processo, como uma pintura que é rasgada. Sua essência ainda está por ali, mesmo que agora esteja deformada. Nos espaços urbanos, um prédio que entra em declínio e não há um

interesse em sua revitalização perde sua utilidade. Isto significa que encontra-se um rompimento entre a matéria e o espírito. Para Simmel, a matéria não mais se submete à "física humana", ela volta às leis naturais. A natureza a toma e a reinventa, dando-a um novo aspecto e significado.

4 Caminho Artístico

Minha pesquisa artística começa praticamente com o curso de graduação em artes visuais em 2018. Seu início parte ao frequentar a matéria de Fundamentos da Linguagem Visual (FLV), que trouxe-me o entendimento sobre o processo de criação de obras artísticas, a partir do livro na ementa “Arte e Percepção Visual” (1980) de Rudolf Arnheim (1904-2007). Rudolf foi um psicólogo gestaltista alemão que migrou para os Estados Unidos em 1940, tornando-se professor de Psicologia da Arte em Harvard e, posteriormente, na Universidade de Michigan, onde estudou a psicologia da visão criadora. A leitura foi profundamente interessante, um momento de epifania e análise sobre o mundo à minha volta e a arte que poderia vir a realizar.

“Arte e Percepção” aborda o processo visual que é ligado a essa criação artística. Buscando mostrar que a visão não só é um sentido humano de identificação, que “temos negligenciado o dom de compreender as coisas através de nossos sentidos” (ARNHEIM, n.p, 1980). Dado que a mesma está ligada a nossa capacidade de entender o mundo à nossa volta, pela criatividade e imaginação. Para Arnheim (1980), o nosso olhar sobre o mundo torna-se engessado procurando por uma lógica que dificulta achar o significado daquilo que estamos enxergando. Porque o olhar da Gestalt se dá perante um todo e não em uma análise minuciosa.

Essa fundamentação básica apontada por Arnheim revela esse ilusionismo artístico. Ele apresenta a obra de arte numa concepção de camadas que se aglomeram e criam um todo. Sendo essas camadas firmadas nos fundamentos visuais, como: equilíbrio, configuração, forma, desenvolvimento, espaço, luz, cor, movimento, dinâmica e expressão. Entretanto, alerta no texto que não tem o intuito de criar um manual de como enxergar uma obra de arte ou como executá-la. E sim, para ajudar o observador e o artista a compreender “o que ele vê, e entender porque vê o que faz.”(ARNHEIM, n.p, 1980). O artista pode se utilizar dessas formas visuais consciente ou inconsciente, e eventualmente pode vir a não utilizá-las em seu trabalho. A leitura desse livro é interessante porque esmiúça a perspectiva visual, é um trabalho robusto sobre o assunto e para perspectiva psicológica sobre arte. A partir dessa nova ótica visual me atraio por registros fotográficos. Por ser de fácil acesso e rápida reprodutibilidade.

Nesse mesmo semestre, o IdA¹ proporciona uma viagem a São Paulo para visitar a 33ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (2018). A diversidade de estímulos que uma cidade cosmopolita proporciona me deixou deslumbrada, me colocando à captura desses acontecimentos e espaços. A magnitude caótica de São Paulo te coloca em uma tensão ao andar por suas ruas. Quem cresce em Brasília estranha outros centros urbanos e vice-versa. Brasília é uma cidade planejada, extremamente setorizada e com diversos espaços vazios de um ponto ao outro. Tudo na cidade é monumental. Diferente de cidades mais antigas, que tiveram um crescimento espontâneo. As ruas são íngremes, quase claustrofóbicas. Há muita informação, prédios, pessoas, casas, bares, sinalizações, carros, ônibus e afins. Há uma mudança brusca também na troca das paisagens. Saí de um bairro X e fui para um Y que tem arquiteturas e dinamismo contrários. Isso tudo traz uma euforia ao enfrentar o inexplorado, mesmo quando há uma repulsão ao diferente. Era minha primeira vez em São Paulo e às vezes me encontrava sozinha conhecendo a cidade, quando os interesses não batiam com os dos meus colegas ou com o programa previsto para excursão.

Ao me encontrar perdida em um lugar desconhecido, a tensão e o medo me alertam, aguçando meus sentidos. O segredo é não passar um ar de perda e aparentar saber para onde se está indo, para não ser vista como turista ou um alvo fácil. Exige um jogo de cintura e perspicácia ao me deslocar em novos espaços. Ao mesmo tempo que me deixo levar pelo encantamento de observar um lugar pela primeira vez. Você se abre para o acaso e o deixa te levar. E é nessa situação e no meio da confusão paulistana que surge o encantamento pelo registro de cidades ao caminhar. Para os olhares mais atentos, ao andar pela cidade é possível observar pequenos vestígios do ruído que o tempo deixa em sua passagem. Seja em botões que não mais funcionam no semáforo, pelo uso frenético que os pedestres apertam para sua travessia, a placas de sinalização desgastadas pelas chuvas ácidas que a corroem, a grandes edifícios abandonados no centro da cidade. São esses vestígios quase imperceptíveis na rotina do deslocamento que me fascinam e trago para minha pesquisa artística.

¹ Universidade de Brasília. Instituto de Artes.

4.1 A mediação museal como percurso educacional

Ao longo do percurso institucional relatado, também passo a ser contratada como mediadora em exposições de arte contemporânea em diversos espaços museais e galerias em Brasília. Onde me encontro como educadora em ambientes não formais e me identifico com essa forma de ensino. A mediação para mim é uma forma de ajudar o público a entender que a arte é compreendida pela vivência e bagagem de vida do espectador. Que vai além do que é agradável ou não e do que o artista queria dizer ao criar a obra. Ao mesmo tempo que o mediador instiga e comunica novas formas de perspectiva sobre um mesmo assunto com ajuda do próprio público, que traz novas formas de enxergar aquela exposição. A mediação nunca é a mesma, independente de ser sobre o mesmo espaço. Pois as experiências do público é singular.

Infelizmente, meus estágios obrigatórios do currículo do curso de artes visuais foram realizados na pandemia do COVID-19. Não podendo executar ações pedagógicas de fato em espaços físicos e com um público, pela distância social que ocorreu na época. Por ter tido experiências profissionais em mediação museal, criei um possível roteiro de mediação no Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC). O museu faz parte da história de Brasília, de acordo com o site do Governo Distrital Federal (GDF)², sediado em sítio histórico, foi local de acampamento das pessoas que vieram para construir a cidade e o primeiro hospital da capital, Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira. Escolho pensar uma mediação para esse espaço por todo seu contexto histórico, e por seus edifícios arquitetônicos conversarem sobre essa percepção do tempo sobre os espaços urbanos. Algumas vezes ele é destruidor criando ruínas sobre esses prédios e outras a preservação do local trabalha contra esse processo do tempo. Sendo assim, a mediação vai ter como tema central a história do MVMC, junto com o subtema da percepção do tempo sobre os espaços urbanos.

² <https://www.df.gov.br/museu-vivo-da-memoria-candanga-2/>

4.1.1 Roteiro de mediação

A mediação acontecerá no Museu Vivo da Memória Candanga, com o público espontâneo que estiver aguardando nos bancos perto do estacionamento do local, por volta das 10h da manhã, com a saída ocorrendo às 10h30. Tendo como tempo de duração 1h a 1h30, dependendo da participação do público. O primeiro momento da mediação é de acolhimento , apresentações e criações de acordos para que a visitação ocorra da melhor forma possível para todos ali presentes.

Em seguida, iniciará a contextualização sobre o espaço museal e sua história, trazendo perguntas ao público, como: O que era aquele espaço antes de ser um museu? Porque ele foi tombado? Qual sua carga histórica na construção de Brasília? Sempre atentando-se em conduzir a conversa para o subtema “ a passagem do tempo sobre os espaços urbanos”, tentando trazer o pensamento para o espaço físico do museu e como o tempo mudou aquela região e como esse espaço se posiciona perante o crescimento e mudança urbana.

Depois do deslocamento pelos espaços abertos, a mediação é finalizada na exposição permanente “Poeira, Lona e Concreto”. Uma exposição fotográfica que mostra os registros da construção de Brasília. A ideia de terminar nessa exposição é que após vivenciar o espaço de forma concreta e real aguce a curiosidade de como ele era no passado, o que mudou e o que continuou o mesmo. No final, será estimulado aos visitantes comunicar questões que ficaram pendentes ao longo da visitação e caso aja alguma será debatida até o horário limite estabelecido.

4.2 O ato de fotografar

O deslocamento pela cidade nasce a partir do desenvolvimento da minha graduação - como citado antes - e evolui a partir de aulas que fui tendo. No 1º semestre de 2020, um pouco antes da pandemia, cursei a disciplina Escultura (renomeada na pandemia de “Expressão e Movimento”) e a Oficina de Fotografia com a prof. Marta Guimarães. Nesta oficina nos foram apresentadas as fotografias de Lee Muller (1907-1977), Vivian Maier (1926-2009) e Nan Goldin (1953), artistas que captavam o cotidiano e a cidade de maneira singular.

No trabalho final da Oficina de Fotografia, apresentei minha série fotográfica chamada “Adeus Carnaval” (2020), um compilado de captações que fiz em uma viagem nas férias de 2020. Essa série surgiu como registros pessoais deste momento, junto com estudos fotográficos com câmera de celular. Nele, mostro o percurso antes e durante o carnaval, em um aspecto de fotografia voyeur, dos acontecimentos que me cercaram, inspirados nas fotografias de Vivian Maier. A série abre com o registro do reflexo de um espelho, onde uma moça se maquia (Figura 4).

Figura 4 - A.F., *Adeus Carnaval I*, São Paulo, Brasil, 2020.



Fonte: Acervo pessoal

E termina com um "tchau" dado por uma moça que performava num bloco de carnaval (Figura 5). Essa foto que inspira o nome da série "Adeus Carnaval" (2020).

Figura 5 - A.F., *Adeus Carnaval V*, São Paulo, Brasil, 2020.



Fonte: Acervo pessoal

O deslocamento como forma de arte é melhor elaborada na matéria "SEMINÁRIO EM TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARTE 15 - DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS", dada pelo Prof. Dr. César Becker. Becker aborda o conceito do caminhar pela cidade e introduz alguns artistas que trabalhavam com esse tema. O foco da aula foi em Landart e abordou artistas como Robert Smithson, Nancy Holt e Andy Goldsworthy, entre outros. Uma das atividades dessa matéria que me influenciou na criação da série "Rastros do tempo", foi o mapeamento de pontos que apresentavam registros da caminhada pela Universidade de Brasília.

4.3 O desenho contemporâneo

No livro "Desenho agora: entre as linhas da arte contemporânea" TRACEY³ (2009), os autores trazem o debate sobre a ideia do que o desenho pode ser, contextualizando-o de forma acadêmica e subjetiva. Eles não descartam as ideias já pré estabelecidas acerca do desenho, tal como apenas proporcionar figuras ou paisagens em suas confecções. Delimitando-o meramente como um "limite conceitual" (DOWNS et. al., n.p, 2009). Para eles, o desenho detém traços que devem ser investigados no conceito de desenho contemporâneo, são eles:

[...]sua natureza simples e obsessiva em termos da aplicação dos materiais tradicionais; sua capacidade de refletir as preocupações pós modernas com a apropriação, a fragmentação e a indeterminação; sua capacidade de expressar de maneira contrastante por meio do gesto e da alegoria; e seu potencial de desafiar o que poderia ser considerado estético. (DOWNS et. al., n.p, 2009)

Assim dizendo, o desenho é um tema amplo, complexo e análogo às questões atuais.

Além do que já foi citado antes, o que mais conversa com minhas escolhas como artista pelo desenho é o que a revista TRACEY vai chamar de "mimese cognitiva" (DOWNS et. al, n.p, 2009), que foge da representação visual. A realidade concreta não é apenas percebida pela visão, existem outros sentidos que aguçam a noção do real. O ato de desenhar o que se observa não exprime de fato todo o potencial do desenho, como apontam a observação de Jean Fisher no texto:

Ela (Fisher) apropriadamente identifica a deturpação do desenho como uma função da percepção 'em que a coordenação da mão e do olho supostamente visa o realismo objetivo' na imitação do visível. Ela sugere que desenhar representa um tipo diferente de mimese,

³ TRACEY são as iniciais do nome dos autores da revista online da Universidade de Loughborough (Escola de Arte e Design), que publica material sobre desenho contemporâneo. Os textos são escritos por Simon Downs, Russell Marshall, Phil Sawdon, Andrew Selby e Jane Tormey. <http://www.lboro.ac.uk/microsites/sota/tracey/index.html>

como 'pura invenção' de um retorno anamnésico, que aponta para tipos de experiências que não a visual (DOWNS, n.p, 2009).

Sendo assim, é possível refletir a realidade por outros aspectos além do visível. Aquele que perde a visão não é deslocado da realidade, sua percepção concreta passa a ser por outros sentidos como o tátil, a audição, o olfato e afins. Isto significa que o desenho não só mimetiza a realidade visível e objetiva, mas pode vir a retratar outras formas sensoriais e irrealis.

O ato de desenhar é direto e claro, viabiliza “um modelo de representação que mapeia a simultaneidade fragmentada do pensamento, acessando memória, fragmento visual e imaginação intangível.” (DOWNS et. al., n.p, 2009,) A mimese cognitiva é entender que cada indivíduo lida de forma diferentes com as coisas à sua volta. Não há uma forma correta no ato de desenhar, o modo teórico não é primordial. Por isso, trazem a ideia de mimese cognitiva, a linha burra (*dumb*), que é se deslocar da técnica que limita a linha e agora consciente e especulativa.

O tracejar do desenho representa as rachaduras que são transferidas de parede a parede. As linhas são os pixos que marcam os escombros. Ao pensar em ruína, a primeira coisa que vem à mente são destroços, pedaços grandes de pedra ou concreto, metais e grandes chapas de ferro. Ela é a própria apresentação de algo pesado, ruidoso, corpulento, rígido. A ruína e o desenho têm muito em comum. A melhor forma que eu encontrei para expressar ruídos foi pelo desenho, quando os mesmos surgiam a partir do traçado do carvão sobre o papel.

Minhas influências artísticas no desenho vêm muito de artistas expressionistas. Tanto pela forma estilística quanto pela busca das expressões de cores para questões de uma subjetividade sensível. Por crescer em um centro urbano, a cidade sempre foi um cenário que me atravessava e admirava. Como um parasita, a cidade que devora tudo que está à sua volta, ela tem sua beleza, sua memória, mas também trabalha com apagamentos e destruição. Apresento o artista Ludwig Meidner (1884-1966), que trabalhou com a temática das paisagens apocalípticas, conversando com a minha pesquisa sobre ruínas e sobre o poder que as cidades em que moramos têm de nos mudar e moldar em suas próprias mudanças.

O expressionismo, de acordo com Veloso, era empregado pela história da arte para descrever formas estéticas usadas naquele período pelo artista em suas obras que evidenciam a distorção e o exagero, da mesma maneira que foi usado na exposição “Secessão de Berlim” em Berlim, em 1911, nomes como: Picasso, Matisse e os *fauves*. Esses artistas surgiram da demanda de encontrar a próxima tendência artística que confrontava o impressionismo. Todavia, o expressionismo alemão não era um movimento apenas sobre distorção estética e sim, um movimento histórico e cultural que se contrapunha ao naturalismo alemão na busca por uma subjetividade.

Ludwig Meidner trabalha com devastação apocalíptica que criam ruínas urbanas nessa série. Não é à toa que Ludwig é considerado expressionista, pois há essa conexão avassaladora da criação com sua subjetividade. Essa ligação intensa do Meidner com as cidades é nitidamente percebida em sua série “The apocalyptic Landscapes”, como vemos na obra “Queimando (Fábrica) Edifícios” (1912) (Figura 7). Onde vemos ruínas desse local arrebatado pelas trombetas do apocalipse.

Figura 7 - *Brennendes(Fabrik-) Gebäude*⁴, Ludwig Meidner, 1912.



Fonte: The Apocalyptic Landscapes of Ludwig Meidner Exhibition, organizada pelo Museu de Arte do Condado de Los Angeles (LACMA).

A própria história do Meidner está interligada às mudanças urbanas e como isso influenciou sua arte. Seja pelas paisagens estáticas da cidade de Paris, que parecem ser a única coisa que o fascina na sua estadia lá. Ou como possibilita criar uma correlação entre seu momento de crise ao voltar a Berlim, com a cidade que cresce com o seu aumento populacional ao se industrializar ou com a primeira guerra que estourou junto com sua produção artística. Em suas pinturas as paisagens urbanas são usadas linhas de ângulos agudos que dão uma sensação de agilidade e movimento. Esses ângulos representados fazem com que pareça que aquela cidade distancia-se de si, ao mesmo tempo que a puxa de volta como uma explosão, como se não tivesse como escapar desses cenários apocalípticos que nos apresenta. Dando uma sensação de sufocamento ao observador que enxerga o terror de longe.

Figura 8 - *Apokalyptische Landschaft*, Ludwig Meidner, 1913.



Fonte: <https://www.meer.com/en/14278-art-of-the-apocalypse>

Na Figura 8, temos um espectador da destruição por um ângulo de cima. Ele é lançado para cima como um foguete e consegue observar essa destruição que

ocorre ao mesmo tempo que forças opostas o puxam de volta por causa das linhas diagonais. As cores quentes dão a sensação de perturbação sobre o céu sereno cobalto. A metrópole se ilumina em meio ao pandemônio, pessoas correm pela rua em desespero e o nosso espectador tem por um mísero momento em queda livre uma sensação de alívio e calma. Apenas ao seu retorno à morte iminente ou ao caos que o espera. Suas pinceladas são bem limpas, quase imperceptíveis, pelo menos é o que se enxerga pela imagem no catálogo.

Existe algo mais devastador do que perder o local onde se vive? Meidner mostra que a cidade é identidade. O meio em que se vive marca de diversas formas e molda sua identidade. A angústia das mudanças que ocorreram ao longo de sua vida o marcaram fortemente. E ele consegue externá-las em suas paisagens apocalípticas. O urbano nesse momento é a melhor forma de expressar aquilo que o atravessa. Isso também mostra a quebra do expressionismo com o naturalismo alemão. Paisagens não são mais um espaço de realismo, cientificismo e sim de subjetividade, angústias e caos.

5 Trabalho Artístico - “Rastros do tempo”

O processo acadêmico percorrido até esse momento levou a escolha do tema “A marca do tempo nas ruínas da cidade”, que aborda como a passagem do tempo reformula o meio urbano e traz uma nova percepção da deformidade naquele espaço. O mapeamento faz parte do registro artístico da obra “Rastros do tempo” (2023). O intuito foi mapear as ruínas e locais abandonados que aparecem entre o Núcleo Bandeirante e a Asa Sul, como vemos no mapa abaixo:

Figura 10 - Mapeamento de ruínas entre Guará/DF, Núcleo Bandeirante/DF, Asa Sul/DF, 2023



Fonte: Google Maps - Gerado pela autora

Os seguintes locais são: um canteiro de obras abandonado pelo Metrô-DF (Asa Sul), Ginásio de Esportes Polícia Militar (Asa Sul), a antiga Estação Bernardo Sayão (Núcleo Bandeirante/ Guará), Ruínas sem identificação na frente do zoológico de Brasília (Asa Sul) e os parquinhos abandonados no Núcleo Bandeirante.

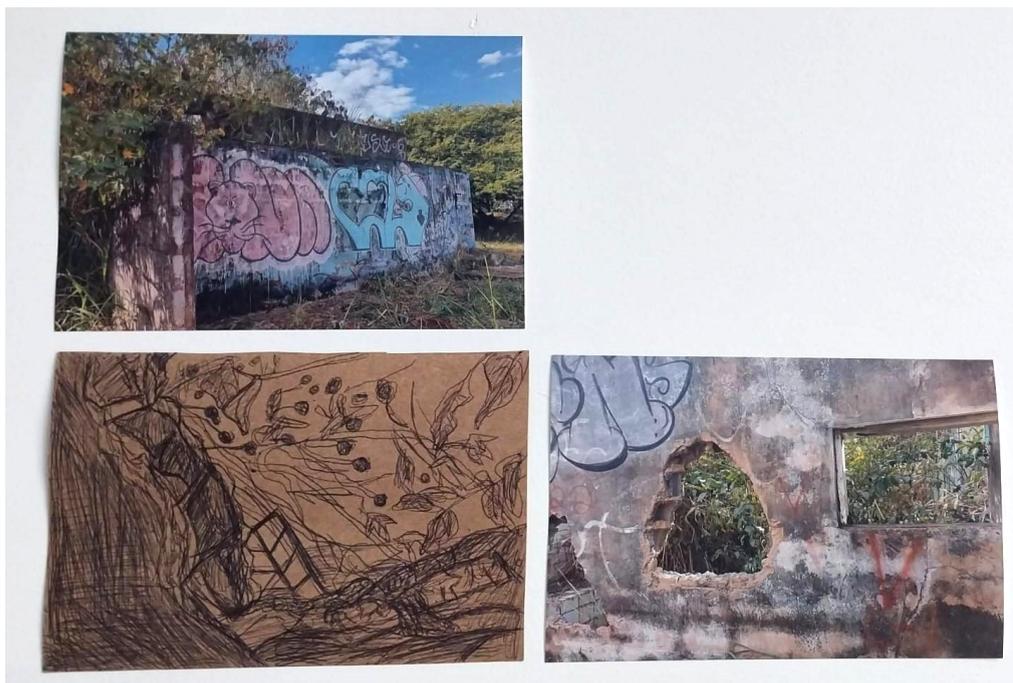
Andar por esses lugares pede atenção, ainda mais quando se é mulher. São pontos inseguros por se encontrar em locais muito inóspitos e longe. Como já comentado, tudo é muito longe aqui em Brasília. É cansativo se deslocar pela cidade, até de carro há um distanciamento significativo entre os lugares. Tornando quase as cidades satélites ilhadas em si mesmas. O que parece ao mesmo tempo perto um do outro se torna longe aqui. Para a realização desse projeto tive ajuda de uma amiga extremamente solícita, que se disponibilizou a fazer esse percurso comigo.

O mapeamento segue pontos de encontros entre três cidades do Distrito Federal, sendo elas: Núcleo Bandeirante, Asa Sul e Guará. Aparentemente essas ruínas são próximas umas das outras, todavia o deslocamento teria sido grande se realizado a pé. Os mais próximos de si são as ruínas do zoológico e o monumento de ferro que, de acordo com o site Google Maps, dá em média 10 minutos de caminhada de um ao outro. Dos parquinhos abandonados na estação ferroviária Bernardo Sayão dão em média 20 minutos. E do monumento de ferro ao ginásio policial são 40 minutos. Ou seja, fazer esse trajeto mapeado a pé levaria mais de um dia, levando em conta que do Zoológico ao Núcleo Bandeirante dá em média 1 hora e 40 minutos a pé, com espaços totalmente espaçados e sem calçada. Incluiria então nesse trajeto o tempo levado pelo uso do transporte público e do tempo de espera. Não é impossível executar esse trajeto a pé, mas demanda uma quantidade grande de tempo.

O “Rastros do tempo”, é um trabalho que vem sendo desenvolvido sem muita pretensão artística ao passear pela cidade. Na série, não oficial, “O acaso de pertencer” (2022), começo a pensar mais sobre esses acontecimentos efêmeros, como: sofá velho no meio de uma quadra na Asa Norte ou desenhos em postes, que percebo ao caminhar pela cidade. E ali que entendo esse registros automáticos, como uma fonte poética e artística. A série aqui apresentada, começa a ser realizada nessa pesquisa de mapeamento de ruínas em Brasília, para o trabalho de conclusão de curso. Seu intuito é trazer o diálogo sobre perenidade nos centros urbanos causada pela passagem do tempo, algo que normalmente não se percebe na correria do cotidiano.

Recorro aos recursos fotográficos e ao desenho para criar essa obra. Ambos estão paralelos ao pictórico, no entanto tomam rumos opostos a ele. “A obra de arte hoje se produz nessas encruzilhadas.” (BRISSAC, p.199, 1996), essas técnicas são vias paralelas que se cruzam no registro e na acessibilidade. Sendo aqui utilizadas em comunhão. A fotografia para o registro dos espaços na busca de seus detalhes e o desenho para traçar a passagem pelos monumentos na concepção sensível e expressiva, como podemos perceber na Figura 11:

Figura 11 - A.F., Ruínas no ponto de ônibus do zoológico, Asa Sul, Brasil,



Fonte: Acervo pessoal

O desenho nasce a partir de uma fotografia captada por mim nos lugares e dela eu a recrio, por uma linha boba. Há uma escolha do que entra no registo e do que saí. Tudo de uma forma intuitiva, sem racionalizar o desenho. O foco não é imitar a fotografia, mas trazer para linguagem do desenho questões de expressividade do que presenciei estando naquele local e também olhando a fotografia. As sensações são diferentes entre si. Porque você já entende o que aquela ruína desperta em você, ao mesmo tempo que olha a fotografia e ela te traz um distanciamento sobre aquele espaço. O ato de desenhar possibilita brincar com os espaços vazios, possibilitando a escolha do que desenhar. Ele conversa com a ideia de ruína, seja pelas rachaduras que desenharam o edifício ou pelas pichações que são feitas por ações humanas em seus escombros.

A escolha das ruínas vem de um lugar afetivo. São ruínas que estão presentes no meu cotidiano. Alguns são lugares que sempre estiveram presentes ao longo da minha vida, por trajetos do dia a dia. Por exemplo, o “monumento de ferro”, que observava ao andar de metrô no deslocamento entre Plano Piloto e Águas Claras. A estação ferroviária Bernardo Sayão que tem seus trilhos nas entradas pelo Park Way de Águas Claras, Guará e Núcleo Bandeirante. Os parquinhos no Bandeirante que

fizeram parte da minha infância. As ruínas do zoológico são vistas ao voltar do Plano para quem pega a EPNB. O único que saí desse aspecto afetivo é o Ginásio de Esportes da Polícia Militar, por ter sido encontrado próximo ao monumento de ferro. Entrando de surpresa no mapeamento, pois compôs perfeitamente com a proposta.

5.1 Ferroviária Bernardo Sayão

Na caça de ruínas o primeiro a ser visitado foi a estação ferroviária Bernardo Sayão, que por muito tempo esteve abandonada. De acordo com o site “Estações Ferroviárias”⁵, inaugurada em 1968 e seu nome foi em homenagem ao Bernardo Sayão (1901- 1959), o diretor da NOVACAP em 1956⁶. Realizou diversas rotas de ligação a Brasília e outras cidades, como Goiânia, Anápolis, Cristalina a Paracatu e mais a frente Belém. Um figurão da política brasileira que trabalhou no governo Vargas e no de Juscelino Kubitschek.

Hoje a estação encontra-se ocupada por famílias. Ao acessá-la vemos o espaço decorado por plantas em jarro de pneus, janelas trocadas no edifício. Por conta das famílias que ali vivem a edificação da ferrovia encontra-se em conservação. Diferente da parte de fora, como os trilhos, paredes, telhado e ferragens, mas ao mesmo tempo é um espaço limpo.

No trabalho final a ferrovia não iria entrar, por não estar de fato abandonada e por eu não ter conhecimento do seu estado atual, se é um espaço invadido ou cedido a essas famílias que ali vivem. Não é um espaço que está em ruína como os outros locais aqui apresentados. Avaliando esses pontos, eu decido por sua permanência, por seus detalhes que contam essa história da passagem do tempo sobre aquele lugar. Mesmo que sutilmente percebemos a perda das letras que identificam a estação na Figura 12.

⁵ <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efgoiaz/bernardo.htm>

⁶ http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=13

Figura 12 - A.F., Estação ferroviária Bernardo Sayão, Brasília, Brasil, 2023.



Fonte: Acervo pessoal

Também registro a degradação sobre os trilhos, o telhado, as portas antigas, as teias de aranha entre as colunas de ferro e suas oxidações. Inclui a estação ferroviária Bernardo Sayão, não pela ruína do seu edifício, mas pelos detalhes que registram a passagem do tempo por seus desgastes e o esquecimento da funcionalidade empregada primeiramente ao edifício. Baseando-me na filosofia sobre ruínas evidenciada por Simmel. Há essa quebra da sua funcionalidade imposta pelo ser humano e passa a encontrar um novo trajeto mais orgânico com o meio que habita. Como Simmel aponta que esse é o momento do rompimento entre a matéria e o espírito.

5.2 Ruínas no ponto de ônibus do zoológico

Essa ruína é de fácil acesso, encontra-se no Parque de Uso Múltiplo das Aves. Atrás da parada de ônibus à frente do zoológico de Brasília. Aparentando ter sido uma construção residencial. Parto de especulações, pois não obtive informações sobre ela. É uma construção antiga, com marcas de desgaste, porém a maior parte de suas paredes estão intactas. Nelas existem buracos triangulares, aparentando ter sido proposital na construção do edifício. Pois os tijolos aparentam terem sido

cortados e não quebrados. Parece ter sido pensada como uma entrada de circulação de ar ou/e luz, como constata a Figura 13:

Figura 13 - A.F., Ruínas no ponto de ônibus do zoológico, Brasília, Brasil, 2023.



Fonte: Acervo pessoal

A vegetação em volta quase não existe, mas por dentro ela cresceu desenfreadamente, dificultando o acesso interno. A construção aparenta ter sido interrompida antes de erguer-se o teto. Ou ocorreu o desmoronamento com ação humana ou pelo tempo.

De acordo com o Google Maps, a construção não existia em 2019. Essa descoberta a torna instigante. Dado que aparenta ser uma construção planejada, pelas ferragens nas aberturas retangulares e pelo revestimento de cerâmica interno. Cria-se um enigma, pois não consegui obter informações sobre ela. Descrevo-a totalmente com base em especulação. Vários questionamentos surgem sobre seu passado. Quando foi construída? Qual o seu propósito? Quem a construiu? Por que foi abandonada? Levando-a a um âmbito de ruína arqueológica, não na esfera científica, teórica, longe disso, nem é o intuito dessa pesquisa. Mas nessa ânsia por curiosidade sobre o lugar, aguça a investigação especulativa de seus vestígios

materiais. Contudo, instiga o imaginário mesmo sabendo que possivelmente seu abandono aconteceu devido ao fato de ser uma construção irregular em um parque ecológico.

5.3 Ginásio policial

Deparei-me com o ginásio da polícia militar ao sair do monumento de ferro (Figura 14). Não estava nos planos do mapeamento, foi encontrado aleatoriamente. Era um local de treinamento físico que está fechado indeterminadamente. Há um grande desgaste de abandono, como janelas quebradas, paredes descascadas, cerâmicas caídas.

Figura 14 - A.F., Ginásio da Polícia Militar, Brasília, Brasil, 2023.



Fonte: Acervo pessoal

5.4 Monumento de ferro

O canteiro de obras abandonado na Asa Sul, que tinha como finalidade fazer parte do complexo do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). Que ainda se encontra em planejamento pelo Governo do Distrito Federal (GDF). O canteiro está abandonado há 12 anos. O monumento de ferro (Figura 15) está entre o zoológico e a linha do metrô, atrás da rodoviária interestadual de Brasília. Ao pegar a linha para a central no metrô do DF, dá para observá-lo de longe. Entretanto parecia impossível chegar até ele, já que parecia estar rodeado pela vegetação pesada. Para chegar nela,

passei pelas ruínas da parada do zoológico e pega a primeira entrada à direita, que te leva a rua do Hípica Hall. À direita, um pouco acima da casa de festa, atrás de alguns barrancos está o monumento de ferro, com seus belos esqueletos expostos. Uma enorme estrutura arquitetônica.

Figura 15 - A.F., Monumento de Ferro, Brasília, Brasil, 2023.



Fonte: Acervo pessoal

O que mais chama atenção são as grandes vigas arqueadas de ferro que circulam o canteiro em formato de costelas. Seu enferrujamento lhe dá uma cor acobreada que mescla com a terra avermelhada do cerrado. Mostrando que já faz parte daquela paisagem.

5.5 Parquinhos Abandonados

Ao caminhar pelas avenidas do Núcleo Bandeirante, me deparo com uma parte que os moradores chamam de “Área Verde”. Onde temos um tapete verde que percorre a cidade de ponta a ponta, com árvores e gramas. Um lugar comum de convívio. Nele há parquinhos abandonados. Alguns que são pelo mal planejamento do espaço, estreito, quase no formato de "i" (praticamente impossibilitando a locomoção

das crianças), fosse uma boa ideia. Outros que claramente estão abandonados por falta de manutenção.

Figura 16 - A.F., Parquinho N.Bandeirante, Brasília, Brasil, 2023.



Fonte: Acervo pessoal

Há uma certa discrepância desta ruína com o local em que se encontra, como pode-se observar na foto acima (Figura 16). São espaços delimitados, formando ruídos no cenário. Eles estão abandonados diferentes dos paralelepípedos a sua volta, como se estivesse sendo ignorado sua presença ali. Há um rompimento no espaço, são as mudanças urbanas.

Ao observar esses parquinhos, recorro de uma infância perdida, onde a inocência se esvaiu de meus olhos. Brissac cita que o moderno flerta com a morte, “A cidade moderna é o palco de transformações incessantes, que revelam sua precariedade” (BRISSAC,p.232,1998). Ao reparar essas ruínas o que me passa é o abandono da inocência. O vazio entre recordações. Não é mais possível ouvir as risadas aqui. Há um silêncio, um mistério, uma porta para o desconhecido da vida adulta. Os choros não são mais por um joelho ralado, eles são uma reação ao desespero ao se deparar com as incertezas da vida adulta. Você descobre que nunca esteve e nem

estava pronto para ela. Entretanto, se eu sentar por alguns minutos nesse balanço? A sensação de esperança e coragem podem voltar a pulsar em meu sangue? Posso voltar a acreditar?

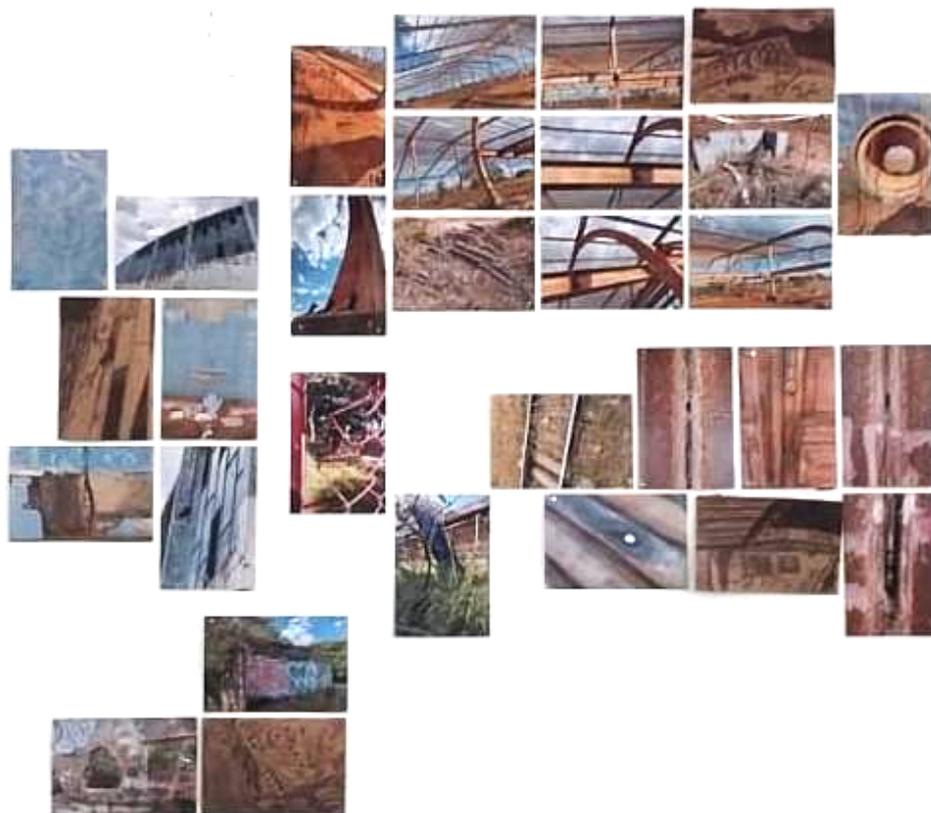
Ao encarar as ruínas desses parquinhos, me vem uma melancolia. Ela acontece por um dos sintomas que as ruínas podem proporcionar quando se depara com a nossa própria finitude. E esse sentimento me faz questionar: Quando foi que paramos de sonhar? Deslocar-se pela deterioração desses espaços não é uma busca arqueológica, ou sublime, é encarar a si mesmo e sua finitude. É lidar com nossos medos e passado. Entre todas as outras ruínas o parquinho abandonado é o que mais trouxe questionamentos sobre minha mortalidade. Tanto por ser um espaço que fez parte da minha história de vida quanto por seu contexto. Parquinho remete à memória de uma infância vivida.

A partir desse mapeamento me desloquei para esses lugares para registrá-los. A ideia dos registros feitos partem dos detalhes dessas ruínas. Porque ali o todo é a ruína em si, passamos, olhamos e seguimos em frente. Como já comentado por aqui, esse olhar rápido não permite prestar atenção sobre as coisas e não permite que elas nos atravessem. Mas quando nos permitimos parar e observar percebemos esses detalhes.

5.6 Exposição Sonhos e Ruínas

Sobre esse compilado de sentimentos e pensamentos criei um desenho expográfico que junta as fotos e desenhos em um aglomerado. A ideia foi captar os detalhes desses lugares, mostrando a beleza na deterioração. A escolha do tamanho das imagens foi de 15x10 cm por ser um tamanho popular de fotografia, muito utilizado antigamente para registros de momentos significantes em família, e para brincar com o tamanho monumental das ruínas registradas, tornando-as pequenas, trazendo o foco para suas minúcias.

Figura 17 - A.F., Rastros do tempo, 2023. Exposição Sonhos e Ruínas na Galeria Espaço Piloto, Brasília, Brasil, 2023.



Fonte: Acervo pessoal

Cria-se um aglomerado de imagens (Figura 17), com o intuito de que de longe tudo pareça ser um conjunto da mesma coisa, como quando entrasse numa cidade nova por uma BR, aquele aglomerado de prédios, lojas e casas. Que só ao se aproximar os desenhos se revelam, destacando-se as fotografias. A ideia é que só ao parar para observar que a obra se apresenta ao espectador, como a ideia de Simmel sobre as ruínas. O desenho representa meus sentimentos sobre cada lugar, tendo apenas o parquinho fica de fora. A escolha não foi apenas estética, mas sim por ser o local deslocado das outras ruínas por não ser um edifício.

O desenho se camufla entre o real da fotografia, essa brincadeira acontece na ideia que o desenho mesmo, na busca do real, ele está na margem e é ela que o liberta a ser múltiplo em sua realização. O registro aqui é entre o real e o sensível em sua

produção. Me permitindo criar meu próprio caminho entre a realidade apresentada e aquela percebida. Diferentemente da fotografia, nem todos os detalhes presentes precisam ser retratados para fazer sentido. Eu uso o desenho de forma sutil, quase imperceptível no todo, só quando o espectador se detém para analisar, ele percebe suportes singulares, únicos, rodeados pelas fotografias. O papel kraft é usado pela sua ideia de provisório por ser um papel grosseiro, pensando nessa relação com esses lugares que são vistos como rudes, que interrompem a organização da cidade. Sendo que tanto a ruína e o papel *kraft* são disruptivos e mimetizam o que está em volta. O *kraft* junto com a caneta esférica preta ganham força ao lado dos papéis fotográficos. A escolha foi pensada tanto para comunicar com as ruínas, quanto na marginalização desses materiais conversando com a história do desenho.

6 Conclusão

O objetivo deste trabalho foi trazer, a partir de fotografias e desenhos, o registro de ruínas por Brasília. Partindo do micro para o macro desses monumentos. A criação artística da série “Rastros do tempo” foi pensada para registrar o deslocamento da passagem do tempo sobre edifícios da cidade e como isso modifica esses prédios. A partir desse processo artístico, houve a busca sobre o tempo e as ruínas. Os temas selecionados são vastos e complexos, abrindo porta para diferentes assuntos. A pesquisa teve que ser filtrada para não ficar densa para uma pesquisa de trabalho de final de curso para graduação. Então, escolhi o tempo como rastro sobre a matéria e a ruína como o momento entre espaços e tempo.

A realização desta pesquisa pediu um olhar mais atento sobre os lugares mapeados, para entender o porquê de todas as escolhas. Partindo primeiramente da localização e proximidade uma da outra, de suas histórias e da ligação afetiva com elas ao longo desse deslocamento pela cidade. Mesmo pensando em ruínas próximas, houve uma dificuldade de deslocamento pelos grandes espaços vazios que ainda existem em Brasília.

Referências

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte & percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. 2. ed. atual. São Paulo: Cengage Learning Edições Ltda., 2017. 453 p. ISBN 8522101485.
- BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, [2012]. 263 p. ISBN 978854380988-5
- BRISSAC, Nelson Peixoto. **Paisagens urbanas**. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC: Editora Marca D'Água, 1998. 333 p. ISBN 855578920.
- CARROLL, Lewis. **Alice's adventures in wonderland**. [s.l.]: Autêntica Editora, 2019. 96 p. ISBN 9788551307069. E-book.
- DOWNS, Simon et. al. (Tracey). **Drawing now**: between the lines of contemporary art. Londres: I. B. Tauris & Company, 2007.
- ELIEL, Carol. **The apocalyptic landscapes of Ludwig Meidnert**. Los Angeles: Prestel, 1955. 103 p. ISBN 3791310259.
- SILVA, Alessandro Leonardo Rodrigues. **Cronos e Kairós em Paul Tillich**. Rev. Pandora Brasil, n. 69, 1-11 p., Dez., 2015. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao69.htm Acesso em: 16 jul. 2023.
- SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold et. al. (Georg Simmel) **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB. 1998. p. 137-144. Disponível em: https://www.academia.edu/4145349/A_ru%C3%ADna_Georg_Simmel_tradu%C3%A7%C3%A3o_portugu%C3%AAs Acesso em: 16 jul. 2023
- VELOSO, Manoel Antônio Carvalho. **Expressionismo alemão**: depressão e angústia na pintura. 2014. 43 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Plásticas), Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/10571> Acesso em: 16 jul. 2023.